

# GARRETT: ENTRE A CRUZ DO DESEJO E A LUZ DO AMOR

SÉRGIO NAZAR DAVID\*

## **Resumo**

*Este trabalho enfoca a relação íntima entre Folhas caídas e as Cartas de amor à Viscondessa da Luz, de Garrett. A partir da recepção de Folhas caídas e da história dos manuscritos das cartas, chegamos a uma hipótese que evidencia o moralismo que tem sido a marca de muitos escritos da crítica sobre este tema. Por fim, examinamos a hipótese de uma concepção de amor garrettiana que estaria presente na poesia e nas cartas a Rosa Montufar Barreiros, a Viscondessa da Luz.*

É por volta de 1845 que Garrett conhece Rosa Montufar Infante, mulher do oficial do exército Joaquim António Velez Barreiros, que fizera parte da expedição liberal de D. Pedro, ao lado de Garrett, em 1832. Gomes de Amorim via-a na Éster d' O Arco de Sant'Ana. Em *Memórias biográficas*, transcreve a passagem do segundo volume do romance de Garrett: “E ela era bela, de uma beleza toda judaica, toda árabe. A figura alta e esbelta, as formas severas, sem moleza nenhuma nos contornos, o rosto oval, a tez morena, os olhos negros, faiscantes, a testa breve, mas perfeitamente desenhada, os sobrolhos um tanto juntos, o cabelo longo, preto, fino — fino de uma fartura e formosura surpreendente.” E completa: “As velaturas são tão leves, tão transparentes as tintas, que por baixo delas se vê o retrato verdadeiro.” Ocultando-lhe o verdadeiro nome, Gomes de Amorim refere-se neste passo a Rosa como “a mulher que já agora terá de passar à posteridade, nem sempre envolta no véu de mistério com que [ele, Gomes de Amorim] cautelosamente a [vela]”. (Amorim, 1884, t. III: 264)

---

\* Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Vejamos o comentário de Gomes de Amorim, de 1884, ao volume *Flores sem fruto* (1845):

Entre as peças mais belas desta coleção, cabe o primeiro logar à Vitória da Vila da Praia. Penso que a que se intitula *As minhas asas* se gerou sob a influência daquele deus desconhecido (Ignoto Deo), que inspirou as Folhas caídas. Pelo menos, nasceu no período em que essa influência funesta começou a acentuar-se. (Amorim, 1884, t. III: 126)

Teófilo Braga, no longo estudo “Garrett e sua obra”, que integra o volume XXVIII da *Obras Completas* de Garrett (1905) detém-se no baile por subscrição, dado em 29 de março de 1845, na casa dos senhores Pinto Basto, no antigo largo das Duas Igrejas, que hoje faz parte da rua Garrett, para recolher fundos em favor dos perseguidos pela ditadura cabralista. Convidou-se a cantora Rossi-Caccia, do teatro São Carlos. Para saudá-la, Garrett compôs *Os exilados — À senhora cantora Rossi-Caccia*, lido na festa. Foi este poema publicado, sem indicação de autoria, no dia 31 de março no jornal *A Revolução de Setembro*, e n.º *O patriota* de 1 de abril, passando a fazer parte de *Folhas caídas* a partir da 2ª edição, com leves variantes em relação à versão original. É do texto de Teófilo Braga:

Nesse baile encontrou a mulher deslumbrante, que primava pela sua beleza sedutora na alta sociedade lisbonense; falaram das relações dos Clubs revolucionários espanhóis com a oposição portuguesa, e como em Madrid eram tratados com simpatia os emigrados a favor de quem se dava o baile. Entenderam-se no mesmo interesse político, compreenderam-se, e Garrett, que exercia um enorme poder de atracção pelo seu génio, pela palavra dominante, ele é que foi o seduzido, o deslumbrado por essa luz. (Braga, 1905: 96-97)

Há também em *Viagens na minha terra*, no capítulo XI, publicado em 4 de setembro de 1845, na *Revista Universal Lisbonense*, uma passagem que ganha importância, se crermos no testemunho de Gomes de Amorim (de todos os que escreveram sobre o tema, aquele que esteve mais próximo dos acontecimentos), que situa o início do romance já nos meses que antecederam à publicação de *Flores sem fruto* (1845). Vamos a ela. Após referir-se à filha que lhe ficara e ao período de luto subsequente à morte de Adelaide Pastor, em 26 de julho de 1841 — “já não tenho que amar neste mundo senão uma saudade e uma esperança” —, escreve o Autor de *Viagens na minha terra*:

(...) faz hoje um mês, em tal dia como hoje, dia para sempre assinalado na minha vida, me aparecesse uma visão, uma visão, celeste que me surpreendeu a alma por um modo novo e estranho, e do qual não podia dizer decerto como a rainha Dido à mana Anica ‘Reconheço o queimar da chama antiga,’ / ‘Agnosco veteris vestigia flammae;’ posto que a visão passou e desapareceu... mas deixou gravada na alma a certeza de que... Posto que seja assim tudo isto, a confidência não passará daqui, minhas senhoras (...) (Garrett, 1963b: 79-80)

Atenção: não pode dizer como a rainha Dido, porque a visão passou e desapareceu. Portanto, tal passagem, que vai ao encontro do testemunho de Gomes de Amorim, também não desmente a carta VIII de Garrett a Rosa, onde este confessa tê-la visto pela primeira vez com os olhos da alma em 2 de janeiro de 1846: “Tu falas em 5ª. feira que é daqui a 8 dias. E não quererás que nos vejamos no sábado que são dous de Janeiro — aniversário do dia que primeiro te vi com os olhos d’alma?” (Garrett, 2004: 127)

Através de correlações biográficas bastante possíveis, reforçamos um nexo intrínseco, no que diz respeito sobretudo à temática do amor, existente entre *Flores sem fruto* (1845), *Viagens na minha terra* (1843-1845-1846) e a correspondência de Garrett com Rosa Montufar (1846-1854). Destes laços não está excluído *Frei Luís de Sousa* (1843). Tal correlação pode ser atestada no modo pelo qual Garrett se dirige a Rosa (“esposa da minha alma”) e no modo pelo qual Madalena se dirige a Manuel de Sousa Coutinho (“marido de minha alma”). Rosa não era esposa. Manuel de Sousa Coutinho deixaria de ser marido, quando D. João de Portugal (o primeiro marido supostamente morto) retorna. A expressão “de minha alma” vem tentar contornar uma interdição social mas também uma interdição interior.

Estamos diante de algumas ligações muito possíveis, como estas que ora apontamos: o testemunho de Gomes de Amorim (a respeito da gênese do poema *As minhas asas*), com o capítulo XI de *Viagens* e a carta VIII de Garrett à Viscondessa da Luz. Temos também indícios provavelmente inverossímeis, mas não de todo improváveis. Um deles é o fato aludido por Teófilo Braga, do primeiro encontro entre Garrett e Rosa no baile de subscrição. Tal encontro não está referido em qualquer dos escritos sobre a matéria que datam do século XIX: não está em Gomes de Amorim (*Memórias biográficas*, 1881-4), nem em Bulhão Pato (*Memórias*, tomos I e II, 1894) e nem mesmo em Xavier da Cunha (*As cartas amorosas de Garrett*, 1899). Segundo argumento desfavorável a Teófilo Braga: é muito pouco provável que, num baile para angariar fundos para auxílio às vítimas do cabralismo, estivessem presentes o Barão

de Nossa Senhora da Luz e sua esposa. O barão estava identificado publicamente com os Cabrais, era fiel ao duque de Saldanha (que neste momento ainda estava ao lado da rainha D. Maria II e de Costa Cabral), a quem devia inclusive o título de nobreza que obtivera. Bulhão Pato narra, em suas *Memórias*, episódio que comprova a ligação do barão com o cabralismo, quando este teve, numa das ruas próximas ao Marrare (café onde se reuniam os conspiradores anticabralistas), sua passagem obstada por jovens que gritavam “Abaixo os Cabrais!” (Pato, s./d., tomo II: 142) Por último, é bom não esquecer que Teófilo Braga, em 1905, em *Garrett e os dramas românticos*, afirma que as cartas de Garrett são apócrifas e que o autor da falsificação fora Mendes Leal (Braga, 1905: 541). E afirma sem qualquer embasamento. Tanto isso é verdade que, quando Júlio Brandão publica, em 1913, *Garrett e as cartas de amor*, Teófilo Braga escreve-lhe em seguida explicando-se. Considerara apócrifas as cartas, diz-lhe, sem ter tido a oportunidade de averiguar-lhes o teor, bem assim a caligrafia de Garrett. Considerara Mendes Leal o autor da baixaza simplesmente porque tivera notícia de uma outra falsificação de um escrito de Aires Barbosa, que Felner atribuíra a Mendes Leal. E conclui, referindo-se a Mendes Leal: “Estava com a mão na massa.” (Apud Brandão, 1926: 76) Se a carta de Teófilo tem certa grandeza ao reconhecer o erro, por outro lado tal reconhecimento traz um selo de leviandade. Fica a pergunta: se vem de Teófilo a associação do baile de 29 de março de 1845 com a circunstância do início dos amores entre Garrett e Rosa, pode tal testemunho, desprovido de referências a qualquer fonte primária, ser considerado válido? Talvez não. Estamos diante de uma hipótese remota. Este pormenor vale, entretanto, ao ser refutado, pelo que pode revelar das relações entre Garrett e Rosa em conexão com os acontecimentos políticos da época.

Rosa Montufar Barreiros era andaluza, de Cádiz, nascida em 1819, filha dos marqueses de Selva Alegre e mulher do oficial do exército Joaquim António Velez Barreiros. Este fez parte da expedição liberal que, vinda da ilha Terceira (Açores), desembarcou no Mindelo. Homem de confiança do duque de Saldanha e extremamente leal à rainha D. Maria II, recebeu o título de Barão de Nossa Senhora da Luz em 23 de janeiro de 1847, por decreto de D. Maria II, e o de Visconde em 16 de junho de 1854, por decreto do regente D. Fernando. Ocupou por mais de uma vez cargos ministeriais. Conheceu Rosa Montufar durante uma missão militar portuguesa enviada à Espanha, chefiada pelo Barão das Antas, com o intento de auxiliar lá também à vitória do regime constitucional. É do diário de Joaquim António, editado, em 1904, pelo seu filho Eduardo Montufar Barreiros, em *Os papéis de meu*

*pai*: “Por portaria de 17 de Novembro de 1834 fui nomeado para marchar para Espanha (...)” E mais à frente: “No dia 6 de Agosto de 1837, pelas 8 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> da tarde, na cidade de Madri, na calle de Atocha, 63, casei-me com D. Rosa Montufar, filha de D. Joaquim Montufar e de D. Dolores Infante Montufar, marqueses de Selva Alegre. Vim viver para a calle de Barquillo, nº 5.” (Montufar, 1904, Vol. I: 352) O filho da Viscondessa transcreve um trecho de *Mis memorias intimas* (Madri, 1888, tomo 2º, p. 174), do Tenente-General D. Fernando Fernandez de Córdoba, marquês de Mendigorria:

Também conheci naqueles salões (dos condes de Puñonrostro) à senhora de Montufar, depois marquesa de Selva Alegre, a mais formosa mulher de sua época, como se sabe. Ali assistia quase diariamente com sua filha Rosa, que ali conheceu ao coronel português Barreiros, com quem depois casou, e do qual eu era amigo desde a guerra. Poucos oficiais houve mais valentes nas ações, mas poucos também mais tímidos frente a esplêndida beleza da Montufar, que devia não obstante contribuir depois tanto à felicidade de sua vida. (Apud Montufar, 1904: 353)

É Gomes de Amorim quem faz referência, pela primeira vez, em 1884 (*Memórias biográficas*, tomo III), às cartas de amor de Garrett, detendo-se na correspondência com a Viscondessa da Luz. Segundo Amorim, logo após a morte de Garrett, em 9 de dezembro de 1854, na casa que ficava na antiga rua de Santa Isabel, 56 (atual rua Saraiva de Carvalho, 68), em Lisboa, freguesia de Santa Isabel, reuniram-se ele, Gomes de Amorim, D. Pedro Pimentel de Brito do Rio (esposo da amiga de Garrett, D. Maria Kruz, e testamenteiro do poeta) e Manuel José Gonçalves (amigo de todos). Acenderam o fogão da livraria e deram início aos trabalhos. Havia muitas cartas de amor. Diz Gomes de Amorim, em *Memórias biográficas*:

Dobrávamos e emassávamos as dos homens, que nos pareciam de importância e interesse; todas as de família; e queimávamos, sem discussão, e até sem mutuamente nos consultarmos, as das mulheres. De uma única destruímos mais de cem! Que de expressões ternas, que de protestos ardentes e apaixonados, que de pérfidas mentiras ali consumiu, silenciosamente, a chama plácida e serena do fogão, defronte da cama onde penou e morreu o homem que inspirara! Eu sabia que existiam mais cartas daquelas, numa espécie de mala inglesa, arca santa, em que nunca até aquele dia ousei tocar, porque o poeta guardava nela as suas memórias mais íntimas. Fui buscar o cofre misterioso, que estava na alcova; e abrimo-lo com as devidas solenidades. Achamos dentro mais provas de que a alma do imortal se prendia à terra pelos mesmos processos que as nossas: um retrato, madeixas de cabelo, flores

secas... Que o leitor pense, antes de abrir os lábios ao riso aristofânico ou mefistofélico da zombaria, se não foi já, ou se não é ainda susceptível de se interessar por essas relíquias, filhas de sentimentos que têm o que quer que seja de religioso, em que viceja a eterna juventude do coração humano. É certo que os três juízes sorriram, registrando aquelas coisas; como quem aprovava e queria dizer, talvez desvanecendo-se: “também temos... ou tivemos!”

Além dessas e outras lembranças semelhantes, que todas teriam tido, provavelmente, bem interessante história, continha o cofre mais de trezentas cartas, irmãs das cento e tantas que já havíamos queimado<sup>1</sup>! Após o natural espanto, que causara aos meus dois amigos a enorme correspondência, dispunham-se eles a lançá-la no fogão, quando eu os detive, aconselhando que a restituíssemos a sua dona. Apoiado o alvitre, decidiu-se que D. Pedro mandasse fazer a entrega por meio de uma senhora, amiga da correspondente.<sup>2</sup>

Confesso que me deixei vencer pela curiosidade, e que li, para mim só, muitas dessas missivas, na presença dos meus colegas juízes, sem me preocupar com a opinião deles. Em vida de Garrett, não lera nenhuma. Sabia-lhe da paixão ardente e cega, fora testemunha dos seus despeitos, quando o ciúme lhe arrancava protestos de fingido desdém, ironias cortantes como navalhas de barba, frases semelhantes às que lhe ouviu um dia Francisco Palha, indo com ele de carruagem por baixo de certas janelas... Todavia, nunca em sua vida ousaria, por nenhum motivo, devassar os mistérios daquela correspondência. Depois dele morto, e tornado confidente involuntário da mulher amada, entendi que podia, na minha qualidade de biógrafo, analisar tais documentos. Precisava estudá-los como crítico consciencioso e como juiz severo. Isso fiz. As cartas revelavam inteligência cultivada, e acima do vulgar. Algumas tinham o que afrancesadamente se chama espírito. Começavam todas por esta formula banal: “meu querido amigo”. Outras faziam retórica, substituindo com flores murchas e sem perfume as expressões ingênuas do amor verdadeiro. Parece incrível que aos olhos do amante (e que amante!) aquilo passasse por bom oiro de lei! Bem certo é que o coração apaixonado, seja ele o do maior sábio, o do mais sublime poeta, engole tolices e mentiras do tamanho das montanhas!

1 Em itálico na edição de *Memórias biográficas*.

2 Nota de Gomes de Amorim: “Entregadora e recebedora são já falecidas”. Rosa Montufar Barreiros faleceu precisamente em 20 de Junho de 1883. O terceiro volume de *Memórias Biográficas*, em que se situa a nota de Amorim, é de 1884.

À parte a exageração dos protestos, continham esses papéis venenosos elementos para perder os próprios santos — que fossem susceptíveis de tentações, porque essa mulher era bela, mais bela talvez do que Lúcifer no momento da queda. Garrett foi vencido, seduzido, fascinado pelo poder da beleza inteligente e instruída, que é invencível sempre que se propõe a dominar o génio dos homens, quebrar-lhes o orgulho, escravizá-los, manchar-lhes a glória e a fama. Mulheres como aquela, anjos e demónios a um tempo, quando a vaidade lhes toma posse das almas, é força que triunfem; e triunfarão, fatalmente, ainda que cuidem arrastar consigo na queda o universo inteiro! (Amorim, 1884, t. III: 405-407)

Em seguida, Gomes de Amorim relata seus esforços para obter as cartas de Garrett a Rosa Montufar, sempre, entretanto, mantendo a discrição que o fazia referir-se à destinatária como “a senhora”.

Diligenciei obter as cartas de Garrett, que atestavam a sua fraqueza — é certo —; mas que o justificavam; porque, como nos seus versos, aí transparecia o delírio, que levava na revolta vaga esse alcíon perdido. Escrevi à senhora a quem tinha mandado entregar o cofre da retórica amorosa, para que se dignasse alcançá-las. Respondeu-me que na sua presença tinham sido queimadas. Esta notícia consternou-me. Eu queria poder perdoar, em nome de Jesus, e do homem que tanto a amara, à transviada pecadora; e contava para isso com as disposições em que a leitura dessas cartas me deixaria o ânimo. A admiração e o entusiasmo favorecem as intenções generosas. Destruídas as provas, a irritabilidade sugeriu-me estas reflexões um tanto paradoxais.

Acaso a mulher, que tivesse amado realmente homem tão grande, ousaria aniquilar documentos, que, embora a acusassem, a tornariam imortal? Desde que o destino se apossara dela, para musa de tamanho poeta, não lhe seria permitido expor-se, vangloriosa, diante dos séculos, não com a cínica impudência da bacante, mas como a estátua da beleza antiga, que, apesar de nua, é casta e pudica? Se dizemos a Laura de Petrarca, a Beatriz de Dante, a Fornarina de Rafael, não é porque as amadas por esses génios privilegiados perderam a qualidade de pessoas de família, adquirindo a de divindades inspiradoras do belo, do mesmo modo que os génios sobre quem elas dominam deixam de ser património exclusivo da terra em que nasceram, e pertencem em comum à humanidade?

Peço perdão ao leitor, pela abstrusa teoria em que me enredei, pensando no atentado que nos roubou aquelas cartas, obras-primas de sentimento, fotografia do coração que jamais pulsou em peito de poeta das Espanhas, depois que morreu o cantor de

Natércia. Ah! se essa mulher o tivesse amado, ao menos com metade da admiração que ele inspirava aos invejosos, não se privaria a si e ao mundo dos testemunhos da paixão que inspirara! Julgou ela porventura que queimando as cartas extinguiu a memória do facto que as produzira? Oh! não; homens como Garrett vivem dentro de círculos luminosos: ninguém lhes toca os corações, sem ser visto de longe. A posteridade, adindo a herança de um dos mais apaixonados livros que se tem escrito, poderia talvez perdoar a falta de quem o inspirou... mas não perdoará nunca a destruição das preciosas missivas, que eram a história desse livro<sup>3</sup>. (Amorim, 1884, t. III: 408-409)

Gomes de Amorim em momento algum revela a identidade da correspondente de Garrett.

Em 1899, o nome da Viscondessa (Rosa Montufar) ainda não aparecerá no folheto de Xavier da Cunha *As cartas amorosas de Garrett*. Xavier da Cunha sabe quem era a suposta inspiradora de *Folhas caídas*. Mas decide não revelar o nome, “por ser casada” (Cunha, 1899: 3). A diferença que se opera agora, passados quinze anos da publicação de *Memórias biográficas*, de Gomes de Amorim, é que Xavier da Cunha, lembrando que este não acreditava que tivessem sido destruídas as cartas de Garrett em sua totalidade, assevera que Amorim estava certo, e que as cartas tinham escapado, se não todas, pelo menos uma parte do conjunto de mais de trezentas que Amorim supõe terem sido escritas por Garrett. Os manuscritos, segundo Xavier da Cunha, se encontravam na livraria particular de José do Canto, opulento proprietário açoriano, introdutor de inúmeras espécies botânicas na ilha de São Miguel, dono de uma das mais importantes e vastas bibliotecas camonianas, falecido, aos 78 anos, em 1898.

Na obra *Garrett e os dramas românticos* (de 1905), também Teófilo Braga dedica muitas páginas às *Folhas caídas* e à sua inspiradora. Permanecem as reservas e o pudor, que o impelia a ocultar ainda aqui o nome da Viscondessa. Nesta obra, entretanto, Teófilo Braga lança, conforme apontamos, dúvida sobre a veracidade dos manuscritos.

---

3 Nota de Gomes de Amorim: “Se foram destruídas, que eu duvido ainda. E duvidarão comigo todos os que tiverem ouvido afirmar que a musa do sublime cantor se orgulhava tanto de lhe terem sido dirigidas essas epístolas, que as mandava mostrar a outra ilustre dama de Madri, querida de um escritor célebre do reino vizinho, recebendo em troca amostras das daquele. Assim se compraziam em comparar os estilos e a maneira de “amar por cartas” de dois grandes homens! E quem fazia isto, por amor da arte, não queimaria as cartas de Garrett...”

Já que a afirmação de Xavier da Cunha vinha sem provas, era a palavra deste contra a de Teófilo Braga.

Por essa época Júlio Brandão escreveu a Bulhão Pato indagando ao poeta sobre o paradeiro das cartas de Garrett e assegurando que, diante da informação, guardaria “a mais absoluta reserva”. É do texto de 24 de janeiro (provavelmente anterior a 1912, ano em que Bulhão Pato morre):

O caso que me interessa é o das Cartas de Garrett à Viscondessa da Luz. Não concordo que elas fossem queimadas, como facilmente aceita Teófilo Braga — e que parece não aceitar Gomes de Amorim. Creio que um modesto psicólogo (lá vai o palavrão, de que sei não gosta muito) não admitirá que a heroína de Folhas caídas queimasse aquelas cartas.

Sei também que é um caso delicado, que não convém agitar por enquanto, e em que eu não mexerei, sendo vivo, como é o filho de Rosa Montufar; mas convém saber onde param materiais por um futuro estudo — aliás, neste país, onde tudo que é belo parece interessar pouco, lá irão dispersos... O meu grande Poeta, mais que ninguém, me pode elucidar.<sup>4</sup>

Em 1913, na 1ª edição do folheto *Garrett e as Cartas de Amor*, Júlio Brandão mantém o silêncio em relação ao nome da suposta inspiradora das *Folhas caídas*. Mas no aditamento à 2ª edição, publicado em 1926, lança mão de uma estratégia muito curiosa: publica uma carta de Teófilo Braga reconhecendo o erro em que incorrera, publica uma das poucas cartas em que Garrett se dirige à sua correspondente pelo nome “Rosa” e não pela inicial R., e encerra o volume com um fac-símile da referida carta.

Explico-me melhor. No início da carta de Garrett, a primeira que vem a público, lê-se: “Sabes tu, minha Rosa (...)” (Garrett, 2004: 91) E num passo próximo do final: “oh minha Rosa, sempre te amo muito.” (Garrett, 2004: 92) A carta de Teófilo Braga (de 8 de novembro de 1913), que Júlio Brandão anexa neste aditamento de 1926, termina assim:

É certo que ainda vive o filho da Musa das “Folhas Caídas”, o conselheiro Montufar Barreiros, e talvez por melindres pessoais se conservem as Cartas sob reserva. A família da inspiradora de Wagner consentiu na publicação das Cartas a Matilde

---

4 Esta carta integra o acervo da sala Ferreira Lima, em Coimbra.

*Wesendonk. O seu livro veio acordar o interesse público.* (Apud Brandão, 1926: 76)

Está visto que, sem que precisasse fazer uma afirmação direta, com a composição das duas cartas, está revelado o nome de Rosa Montufar Barreiros. E por que Júlio Brandão o faz agora, e o faz deste modo? O faz agora porque o filho da Viscondessa, que em 1913 ainda vivia, falecera em 1914, aos 75 anos. Estaria assim eliminado parcialmente o constrangimento. Sim, parcialmente. E é por isso, é porque certamente ainda paira algum temor em relação ao ato que se está praticando, que é com a carta de Teófilo Braga, também já falecido em 1924, que a revelação é feita em 1926. No acervo de Teófilo Braga da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, se encontra arquivada com a cota T.B. 2277, a resposta de Júlio Brandão, datada de 12 de novembro (certamente de 1913). Nesta carta de Júlio Brandão a Teófilo Braga, confirma-se o que vimos afirmando: “Escrevi realmente o opúsculo com vivo contentamento, por se tratar do grande Garrett; teremos, quando os herdeiros de José do Canto quiserem (talvez depois do falecimento do filho da Viscondessa) um volume admirável de paixão.”<sup>5</sup>

Xavier da Cunha estava certo. E as provas disso vieram a público em 1926, com o aditamento de Júlio Brandão à edição de *Garrett e as cartas de amor*, conforme mostramos. Ferreira Lima esclarece, em 1939, em *Garrett na Espanha*: “(...) existem ainda, em Ponta Delgada, 22 dessas cartas, conforme revelou, em primeiro lugar, o Dr. Xavier da Cunha e, depois, o Sr. Júlio Brandão.”

Em carta de 2 de outubro de 1934, vemos entrar em cena José Bruno Carreiro, que, escrevendo a Ferreira Lima, diz ter lido em suas pesquisas sobre Antero de Quental, em Famalicão, um artigo sobre o tema. Refere-se também à cópia de uma das cartas, publicada por Júlio Brandão. Carreiro sabe que a coleção está na ilha de São Miguel e que pertence aos herdeiros de José do Canto. Estes “têm-nas conservado reservadas por considerações pelos descendentes da Viscondessa”. E completa:

No caso de nenhum filho já ser vivo e de não haver mais descendentes, ou de estes serem pessoas desconhecidas, talvez se fosse conseguir que as cartas venham à luz. Se V. Ex<sup>a</sup> me puder dar alguma informação sobre isto, muito lha agradecerei. Assim poderíamos fazer aparecerem inéditos garreteanos, que já devem ser raros. Pessoa que já leu as cartas diz-me que não são prosa — são fogo!<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Acervo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

<sup>6</sup> Acervo da sala Ferreira Lima (Coimbra).

Em 17 de janeiro de 1935, nova carta de José Bruno Carreiro ao grande garrettista Ferreira Lima dá-nos a dimensão exata do longo caminho ainda a ser percorrido até a publicação do conjunto das vinte e duas cartas, que só viria a ocorrer em 1954, no centenário da morte de Garrett:

Venho agradecer a V. Exa a sua muito estimada carta de 9 de dezembro, recebida pela última mala, com a informação de que a sobrinha da Viscondessa da Luz não autorizou a publicação das cartas de Garrett. É uma grande pena, porque está ali um monumento literário de altíssimo valor. Os donos actuais das cartas não irão certamente contra os sentimentos dessa senhora. Mas o mundo dá muita volta — e às vezes rapidamente. Quando morrer a última usufrutuária (que tem hoje 80 anos) da livraria de José do Canto, de que faz parte a colecção das cartas, essa livraria será certamente vendida — e quem adquirir as cartas (regulados os direitos de propriedade literária que tenham os herdeiros de Garrett) poderá publicá-las sem dizer a quem foram dirigidas, o que em nada prejudicará o seu interesse. E nessa altura nenhum parente terá que negar consentimentos...<sup>7</sup>

Em 3 de agosto de 1939, em mais uma carta a Ferreira Lima, José Bruno Carreiro dá-lhe “a boa nova de que está menos longe (...) o dia em que poderá ser consultada a correspondência do Garrett com a Viscondessa da Luz”. O espólio literário ficou sendo propriedade de todos os herdeiros e tudo indicava que seria vendido à Junta Geral dos Açores, para ser incorporado ao acervo da Biblioteca Pública de Ponta Delgada. No acervo de José do Canto, completa Carreiro, há um exemplar duma das edições de 1572 d’ *Os Lusíadas*, exemplar este que pertencera a Gomes de Amorim, “sendo por isso provável que lhe tenha vindo do Garrett”<sup>8</sup>. Talvez esteja aqui uma das hipóteses que explicaria como José do Canto adquiriu os manuscritos de Garrett.

Em 2 de fevereiro de 1943, a venda do espólio ainda não se efetivara. Carreiro dá notícias a Ferreira Lima: “O que tenho sempre em vista é a colecção de cartas existente na livraria do José do Canto e terei o meu Amigo sempre informado das suas vicissitudes. Ainda se ignora o destino que terá a livraria. Será adquirida pela Junta Geral? Será vendida no Continente?...”<sup>9</sup>

---

7 Acervo da sala Ferreira Lima (Coimbra).

8 Acervo da sala Ferreira Lima (Coimbra).

9 Acervo da sala Ferreira Lima (Coimbra).

Nova carta, de 31 de março de 1945, mostra-nos desta vez que as notícias que José Bruno Carreiro dava das cartas de Garrett iam ao encontro de um interesse do próprio Ferreira Lima. Carreiro volta a frisar que era provável que a Junta Geral adquirisse o espólio. E acrescenta: “Ainda há dias estive com elas na mão, lendo uma fremente de paixão. Não pude deixar de lembrar-me do meu caro amigo. Feita a compra, ali estará um material magnífico ao seu dispor.”<sup>10</sup>

Em 1947 morre Júlio Brandão. É neste mesmo ano que Ferreira Lima envia, através de José Bruno Carreiro, um requerimento à Junta Geral dos Açores, que já adquirira, como se supunha que ocorreria, o acervo de José do Canto. De Angra do Heroísmo, José Bruno Carreiro escreve, em 8 de abril de 1947, a Ferreira Lima:

Devo estar em Ponta Delgada no dia 15 (...) e logo tratarei na Junta Geral do requerimento do meu ilustre Amigo. Oxalá que a carta com o **veto** da sobrinha do Conselheiro Montufar Barreiros não vá levantar alguma dificuldade à já prometida cedência de cópias das cartas. Espero que tal não suceda.

Nada posso agora responder à sua pergunta sobre se as cartas serão todas realmente publicáveis e sobre se haverá algumas bastante livres, de que só convenha publicar parte. Há meses, a última vez que estive em casa do José do Canto, por ocasião da compra da livraria e espólio literário, tive nas mãos o pacote das cartas, folheei-as e por uma ou outra frase lida aqui e ali pareceram-me... ardentes. Nada mais posso avançar.<sup>11</sup>

Em 28 de maio de 1947, Carreiro já entregara à Junta Geral o ofício de Ferreira Lima. Foi admitida a hipótese de as cartas não serem publicáveis, por questões morais. E, ao que tudo indica, não foi considerado desta vez o veto da sobrinha do Conselheiro Montufar Barreiros. Carreiro e o diretor da Biblioteca Pública são encarregados da leitura das cartas e terminam por exarar parecer favorável ao atendimento do que pede o ofício de Ferreira Lima. Nova carta de Carreiro relata a Ferreira Lima que “em matéria de escabrosidade, [as cartas] não vão além de “as horas em que passei ontem nos teus braços”. Isso nas vinte e duas cartas que restaram. Quem saberá o que existiria naquelas que estão até hoje desaparecidas?

<sup>10</sup> Acervo da sala Ferreira Lima (Coimbra).

<sup>11</sup> Acervo da sala Ferreira Lima (Coimbra).

Carreiro se compromete a fazer as cópias, conservando a ortografia dos originais. Iniciam-se as negociações que envolverão as condições de publicação: “percentagem antecipada e global ou percentagem sobre a venda?”<sup>12</sup>

Em julho de 1947, Carreiro já está copiando as cartas. Nesta ocasião, escreve a Ferreira Lima para expor-lhe as inferências que o levam a datar nove das vinte e duas cartas, e assim marcar pela primeira vez os momentos do longo romance de Garrett com a Viscondessa da Luz:

1. O início da relação amorosa, em 2 de janeiro de 1846, é marcado a partir de duas cartas em que Garrett diz tê-la visto pela primeira vez “com os olhos da alma”;
2. A primeira relação sexual, pouco mais de dois meses depois, em 9 de março de 1846, é marcada por outra carta: “faz hoje cinco meses que foste minha”;
3. Incidentes ocorreram nestes dois meses, mas Garrett recordará mais tarde, em outra carta, que “foram inúteis”;
4. Em 3 de abril de 1846, separaram-se, partindo Rosa para Cádiz;
5. Em fins de julho, regressa da Espanha, retomando o romance interrompido.

Gomes de Amorim faz referência à última visita de Rosa a Garrett, “quando a doença o prostrou no leito”. Mas não há nenhuma indicação segura (como se verá pelas cartas) de que a ligação tenha prosseguido até 1854.

Amorim narra a comoção de Rosa ao perceber que Garrett morria como “uma cena de comédia”. Narra — talvez para isentar o amigo a quem servia com desvelo — o pedido que Garrett lhe faz após Rosa se ter retirado para que não deixasse “aquela senhora tornar” ao quarto: “Dominava-o o arrependimento”, assevera Amorim. E conclui: “A ela não. Invertiam-se os papéis: era ele que, como a pecadora da sagrada história, devia ser perdoado pelo muito que tinha amado.”

Vejamos alguns exemplos do quanto a crítica seguirá os passos de Gomes de Amorim, encontrando um modo de isentar Garrett e lançar sobre Rosa a pecha de mulher indigna. O primeiro: vem de Xavier da Cunha, em *Garrett e as cantoras de*

---

12 Acervo da sala Ferreira Lima (Coimbra).

*São Carlos* (1909), ao registrar a morte de Garrett, em 9 de dezembro de 1854, às 18:25 h:

(...) nessa hora — nessa mesma hora fatal em que se extinguiu o legítimo herdeiro da lira de Camões — preparava-se talvez para ir despreocupadamente no seu camarote de São Carlos assistir desdenhosa e risonha, com aquele garbo senhoril que todos lhe reconheciam, assistir à representação de *Sonnambula*, — ataviava-se com sedas e veludos, recamava-se com guipures e rendas de Alençon, abrilhantava-se de adereços de pérolas e diamantes, envolvia-se em perfumes de inebriante sedução, a formosíssima inspiradora das *Folhas Caídas*, ingratamente esquecendo-se já do “divino” Poeta que nos seus amenos versos a imortalizara! (Cunha, 1909: 71)

O segundo exemplo vem da introdução de José Gomes Ferreira a *Folhas caídas*: “[Garrett] enriqueceu a língua portuguesa dum livro de obsessão carnal, sem rodeios de complicações madrigalescas, nem mantos de impostura para mascarar o desprezo intelectual pela mulher que o inspirou.” Para Gomes Ferreira, o poeta “dirige-se à Não-Amada, para bradar-lhe com fúria incisiva, que não a ama (...) mas a apetece apenas, com o deleite fervente dos sentidos” (Ferreira, 1969: XXXIV). Ou seja, a interpretação corre mais ou menos assim: não é indigno dar às putas o que elas querem e merecem. Garrett teria gozado apenas.

Às vezes nem o próprio Garrett será salvo do moralismo que tem tentado fazer de *Folhas caídas* apenas um livro perdoável, talvez pela sinceridade. Em 1961, António José Saraiva anotou, em *Para a história da cultura em Portugal*, ao aproximar Carlos (personagem de *Viagens na minha terra*) e Garrett: “como pode tomar a sério a vida pública um homem cuja vida íntima, desarticulada e dispersa, anda à deriva, porque não conseguiu superar-lhe as contradições e cristalizá-la numa síntese? Pois não é a personalidade um todo íntegro?” E arremata: “Garrett não nos deixou um modelo, é verdade; mas legou um testemunho vivido.” (Saraiva, 1982: 39)

Retomemos os empenhos de José Bruno Carreiro e de Ferreira Lima para publicar as cartas. As negociações com o editor de Coimbra parecem não avançar. É o que atesta a carta de José Bruno Carreiro, de 15 de abril de 1948.

Em 1949, morre Ferreira Lima, sem ver as cartas de Garrett publicadas. Há em seu espólio ainda duas cartas de José Bruno Carreiro, dirigidas à sua filha, datadas de 18 de agosto de 1953 e de 21 de março de 1954.

Na de 18 de agosto de 1953, Carreiro pede o folheto de Xavier da Cunha, *As cartas amorosas de Garrett*, que supõe integrar a biblioteca de Ferreira Lima. Pede

também o nº 22, de 1848, da Galeria Pitoresca, folha apensa ao jornal cartista *A Matraca*, onde “foi publicada uma caricatura de Garrett e da Viscondessa, defronte um do outro, a mirarem-se embevecidos”<sup>13</sup>. O jornal cartista criticava as posições políticas de Garrett: “O sr. João Baptista d’Almeida Garrett tem apresentado todas as cenas possíveis. Foi cartista enquanto houve quem quisesse que ele o fosse; passou a ser setembrista; depois ordeiro (...) Ora como o sr. Garrett nasceu com a bossa de andar aos fretes é agora um dos principais carregadores do andor (...) da coligação anglo-setembrista.” *A Matraca* é contra os miguelistas, contra os setembristas, contra as “revoluções”, contra as idéias vindas “da França tão desgraçada!” e da “desgraçada Paris!!” A caricatura de Garrett entregando uma carta à Viscondessa traz referência à revolução que corre por toda parte. Está visto que a condenação às “desordens políticas” vem junto com a condenação aos amantes.

Passados cem anos da morte de Garrett, só em 1954 sairá a edição das *Cartas de amor à Viscondessa da Luz*, com organização, introdução e notas de José Bruno Carreiro, que também veio a falecer logo em seguida, em 1957, aos 77 anos. As vinte e duas cartas de Garrett a Rosa Montufar que tinham escapado da destruição e, não se sabe como, foram parar na livraria do bibliófilo açoriano José do Canto, depois integrada ao acervo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (Açores), agora estão reunidas em livro.

É rara a carta que não foi composta em páginas com linhas horizontais e verticais (e às vezes também transversais) cruzando umas sobre as outras. Mais do que um código que exigia decifração e interpunha obstáculos à leitura, trata-se sem dúvida alguma também de um jogo que exige de quem lê intimidade com o escrito. Cada carta tem a sua composição. Às vezes Garrett escreve oito páginas com as linhas horizontais e só então retorna à primeira página para começar a cruzar as linhas verticais. Outras vezes, escreve as mesmas oito páginas horizontais e retorna, não à primeira, mas à quinta página com linhas horizontais, para a partir de então sobrepor as linhas verticais. Há outra carta em que escreve quatro páginas com linhas horizontais, retorna à primeira página, sobrepõe as linhas verticais da quinta página sobre as horizontais desta, e segue assim, até que às linhas horizontais da quarta página tenha sobreposto as verticais da oitava; então retoma com as linhas horizontais novamente na nona página e faz mais quatro páginas deste modo, para então voltar a cruzar

---

13 Acervo da sala Ferreira Lima (Coimbra).

linhas verticais sobre estas últimas quatro. Há também casos em que as linhas cruzadas são ora verticais ora transversais.

Gomes de Amorim refere-se ao aparecimento de *Folhas caídas*, em 1853, como um assombroso sucesso. Segundo ele, “todos queriam saber quem era *ignoto deo*”, título do poema que abre o livro. *Folhas caídas* tem íntima relação com as cartas de Garrett a Rosa Montufar. Em 1966 (doze anos, portanto, após a edição de José Bruno Carreiro), em *L'intime contrainte*, R. A. Lawton destacou isso:

(...) em *Folhas Caídas*, há uma confissão pública, repetida, confirmada em todos os pontos, comentada em uma confissão confidencial que são as cartas que o poeta endereçou a Rosa Montufar da Luz. Basta lê-las para se convencer da total sinceridade do amante e do poeta. Do mesmo modo que não há nenhuma distância entre o poeta e seus personagens, também assim não há entre o poeta e o homem. (Lawton, 1966: 537)

Lawton sublinha a pouca importância dada por críticos da época — nomeadamente Cruz Malpique (*História de um elegante do romantismo*, 1954) e André Crabbée Rocha (Garrett epistológrafo, 1963) — à edição de Carreiro: “A crítica não deu valor a essas vinte e duas cartas que são entretanto a publicação mais importante sobre Garrett desde a aparição de *Memórias biográficas* de Gomes d’Amorim” (Lawton, 1966: 537).

Jacinto do Prado Coelho, em *Ao contrário de Penélope*, destacará o mérito do olhar atento de Lawton: “R. A. Lawton foi o único a realçar o valor das cartas (...)” E enfatiza: “O homem Garrett ter-se-ia confessado com igual sinceridade nas Folhas caídas e nas cartas a Rosa Montufar — eis a certeza que, no entender de Lawton, resulta do confronto dos textos” (Coelho, 1976: 112).

Amorim refere-se ao juízo de Alexandre Herculano, logo que *Folhas caídas* saiu: “Não há senão um homem em Portugal capaz de fazer tais versos! São do Garrett?!” (Amorim, 1884, t. III: 399). E acrescenta: “Parece que tem vinte anos!” (Amorim, 1884, t. III: 400). Garrett acabara de completar cinquenta e quatro.

A primeira edição (sem indicação de autoria) saiu em abril de 1853, com trinta e quatro poemas. Em maio estava esgotada. Fez-se a segunda edição, neste mesmo mês, e esta voou como a outra. Em quase todos os poemas aparecem as palavras ROSA E LUZ.

Quase todos os poemas acrescentados na segunda edição (treze) correspondem ao que David Mourão-Ferreira chamou, em *Hospital das Letras* (1966), poemas de

circunstância (versos de álbum, retratos, um poema político, a descrição de um passeio). Exceção feita ao poema “Seus olhos”, um dos mais belos da coletânea, todos os poemas de amor já estavam na primeira edição. David consegue afastar-se do prisma dominante na crítica de *Folhas caídas* ao reconhecer que os ditos poemas de circunstância estão ali para atenuar “a inquietante presença dos outros” (Ferreira, 1966: 82). O foco deixou de estar na condenação do livro, do autor, ou da suposta inspiradora, para recair no efeito “inquietante” desses poemas sobre o leitor, sobretudo o leitor da época. Se hoje já não geram repulsa, não deixam entretanto de inspirar páginas que tentam reduzi-los a um “palpitar de carnes” (a expressão é de Gomes de Amorim).

Gomes de Amorim narra os comentários dos salões: as mulheres eram indulgentes, os homens qualificavam de pouca vergonha. Enquanto isso, liam-se às escondidas os versos, cochichava-se pelos cantos. E Garrett retomava hábitos e costumes de homem novo e elegante. O moralismo da sociedade portuguesa de então aparece a todo momento no relato de Gomes de Amorim. Este não pode assumir o mesmo tom do Garrett que escreve “indigno sou”. Então precisa culpar a sociedade. Acusar a sociedade ou acusar-se de indignidade são duas faces da mesma moeda. Trata-se de uma tentativa de reparar um trabalho de recalque do sexual impossível de ser feito plenamente. No caso específico de Garrett, entretanto, pode-se pensar numa perplexidade diante do que o desejo sexual tem de estranho. Reconhecer essa estranheza seria em última instância reconhecer a divisão do sujeito. E isso também seria insuportável. Voltemos a Gomes de Amorim:

Segundo os malsins, o maior escândalo consistia em ser ignoto deo mulher casada. Não discutirei sobre se fora mais conveniente que o poeta houvesse pervertido donzelas ou que preferisse deixar-se perverter pelas que não o eram. Deploro profundamente o facto; e declaro, com a maior sinceridade, apesar de toda a minha admiração pelas *Folhas caídas*, que antes quisera que o autor as não tivesse produzido, do que ver-me obrigado a defendê-lo pela origem delas. A sua glória não carecia de mais um livro para ser imorredoura; mas desde que se deu o erro, falemos claro e sem rodeios. Que culpa teve ele ou em que pode ser responsável da desmoralização que o rodeava? Eu disse já, e todos sabem, que a sociedade do seu tempo comera na infância os frutos apodrecidos da árvore do despotismo. Ainda que influenciada

pelas novas e grandes ideias do século, fora criada *a la leche de la servidumbre*<sup>14</sup>, e transmitiu aos descendentes os resultados dessa educação com todas as suas virtudes e vícios. Se estes predominaram, atribua-se a causa à quantidade de elementos nocivos que do cadáver do passado vieram agregar-se ao novo corpo da nação. Aqui não é lugar para mais largas explicações; por isso, resumindo-me ao que é pessoal ao nosso autor, direi, que neste segundo baixo império muitas mulheres casadas o requestaram à porfia; li as cartas de quatro ou cinco, e conheci pessoalmente as autoras; algumas eram dignas émulas daquelas matronas ilustres, que, em Roma, subiam de noite aos rostos, segundo referem os escritores coevos.

Protesto que não faço a sátira desta Palmira moral, como Herculano qualificou Lisboa: toco, muito ao de leve, um assunto, que daria numerosos volumes ao erudito escritor Parent du Chatelet, se ele subisse das ínfimas camadas, que apenas forneceram dois aos seus estudos. Porque, pois, berrar contra o poeta, que a si próprio se puniu, de não ter sido superior, como fora sempre em tudo mais, à maioria dos seus contemporâneos, trazendo, do báratro onde fora precipitado, nova jóia resplandecente para a literatura da sua pátria?!

Esta visão do amor, como o báratro em que se precipitara, também dela Garrett não escapou, como não escapou de trazer para a sua obra os dilemas morais de sua época, retrabalhados poeticamente.

É a este ponto que chegamos: a obra de Garrett — e aqui especialmente *Folhas caídas* e a correspondência amorosa que ora editamos — vem representar uma gama de hipóteses correntes na literatura do século XIX, onde o desejo sexual não pode ser reconhecido pelo sujeito (porque é repudiado). Aparece como efeito colateral, como disfarce. É isto que vem alimentar o sentimento de culpa, e fortalecer o ideal de amor sob o qual o sujeito se mortifica. O que temos no poema “Não te amo” é a contraposição entre amor e desejo. Garrett, porque deseja, não suporta amar. Atenção: “não suporta”. Eu não disse “não ama”. Não suporta amar e se repudia por desejar sexualmente. Condenando-se, usa o “não te amo” como álibi para o desejo sexual, ao mesmo tempo em que, ao incluir o desejo, inviabiliza o amor. O que parece ser insuportável é exatamente amar e desejar sexualmente. Nas cartas, porque parece se sentir incapaz de renunciar ao desejo sexual, precisa então chamar-lhe de “esposa”. Depois, quando do rompimento, sabe muito bem como fazê-la retornar subjetivamente ao lugar de

14 Em itálico e em espanhol, na edição de *Memórias biográficas*.

mulher indigna, dizendo-lhe “Não, tu não amas, R., não te iludas. (...) Queres-me (...)” (Garrett, 2004: 208).

É certo que no poema “Cascais”, Garrett se refere a um passado em que a plenitude amorosa parece ter sido atingida. Ali, naquele lugar, naquele tempo (passado), para o êxtase da perfeita comunhão não se sente impedido de convocar o “Céu”, os “anjos” e “Deus”. Depois será mais conveniente atribuir ao tempo (na poesia) ou ao Mundo (na correspondência) a responsabilidade pelo esgarçamento de um conflito que nunca deixou de se inscrever, conflito que se traduz na pergunta: “Anjo és ou és mulher?”

Na carta III, Garrett diz a Rosa que supusera que “a posse matava o amor” (Garrett, 2004: 97), o que afinal não passara de engano. Está aqui impresso em negativo o dilema diante do qual sucumbe. Se é capaz, momentaneamente, de criar uma espécie de regime de exceção com a inclusão calorosa da componente sexual, isso não se dá sem que assim creia ter tudo (sem nada faltar), e sem que, no momento posterior, diante de certa estranheza talvez proveniente daquilo que Freud (Freud, 1997) chamaria de confluência das duas correntes — a afetiva e a sensual —, encontre na culpabilização de si mesmo ou do Mundo uma saída mais tranqüilizadora.

O testemunho de Gomes de Amorim, que trago aqui, associado às circunstâncias que envolveram a publicação de *Folhas caídas* e de *Cartas de amor à Viscondessa da Luz*, não visam reforçar o anedotário que tem tentado fazer de Garrett apenas um jogador dos salões, “o divino”, o amante insensato, no sentido que o senso comum costuma repisar.

Se o romance de Garrett com a Viscondessa da Luz fez escândalo, culminando com a publicação de *Folhas caídas*, isto se deve em parte à moral vitoriana que regia o Portugal oitocentista. Mas não é só disso que se trata. Garrett inclui o sexual, seja como for, em poemas como “Não te amo”, “Coquete dos prados”, “Víbora”, “Anjo és”, “Seus olhos”. Mas a novidade de *Folhas caídas*, que já estava apontada em *Flores sem fruto*, é fazer desta inclusão algo que o afeta de modo muito íntimo e particular. Ainda assim, permanece o sintoma que o dilacera: entre a repulsa ao sexo e a recusa de amar (quando a força do sexual insiste e resiste).

Este drama de Garrett termina por inquietar também seu próprio biógrafo. É assim que Gomes de Amorim comenta este poema verdadeiramente sensacional intitulado “Cascais”: “apesar de serem essas estrofes admiráveis, sente-se que elas nasceram de uma chama impura” (Amorim, 1884, t. III: 412).

À época da morte de Garrett, ficou famoso o chiste atribuído a Rodrigo da Fonseca Magalhães, então ministro na pasta do Reino: “Morreu abraçado à CRUZ, com os olhos na LUZ.” Teria sido no Cemitério do Prazeres, segundo Gomes de Amorim, que Rodrigo “proferiu (...) [o] epigrama” (Amorim, 1884, t. III: 687). O chiste vale pelo que consegue resumir do drama que se abateu sobre Garrett, que se impõe a renúncia e o sofrimento em nome de um Ideal de amor.

O estudo da literatura do século XIX, coloca-nos diante de uma cortina de discrição quase impenetrável. Se acreditamos no que se desenha à primeira vista, terminamos por ser o leitor dócil sonhado por aqueles escritores: o “benévolo leitor” que Garrett, por exemplo, não se cansa de invocar e convocar, embora nunca sem ironia, em seus romances. Se olhamos com suspeita, se conjecturamos hipóteses, deparamo-nos com uma literatura que quase mereceria ser chamada de enganosa. Há momentos, entretanto, em que, se esta cortina de discrição não se rasga, pelo menos seus protagonistas pouco conseguem esconder o drama em que submergem. E submergem — não nos enganemos — não por causa do mundo, senão devido ao que Freud, numa de suas cartas a Stefan Zweig, chama de “um misterioso interdito interior” (Freud, 2001: 50). Em última instância o que está interditado para o sujeito é o reconhecimento do desejo. Lawton indica isso no título de sua obra: *A coersão íntima (L'intime contrainte)*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Francisco Gomes de (1881-1884), *Garrett: Memórias Biográficas*, 3 vols, Lisboa, Imprensa Nacional.
- BARREIROS, Eduardo Montufar (1904), *Os papéis de meu pai*, Lisboa, M. Gomes Editor / Livreiro de suas Magestades e Altezas, 2 vols.
- BRAGA, Teófilo (1905), *Garrett e os dramas românticos*, Porto, Chardron.
- BRAGA, Teófilo (1905), “Garrett e sua obra”, in Garrett, Almeida. *Obras completas*, Vol. XXVIII, Lisboa, Empreza da Historia de Portugal.
- BRANDÃO, Júlio (1913), *Garrett e as cartas de amor*, Porto, Livraria Chardron.

- BRANDÃO, Júlio (1926), *Garrett e as cartas de amor*, 2 ed., Porto, Livraria e Imprensa Civilização.
- COELHO, Jacinto do Prado Coelho (1976), “Garrett, o sincero fingido?” e “Garrett, as Folhas caídas e as cartas de amor à baronesa”, in *Ao contrário de Penélope*, Venda Nova, Bertrand Editora.
- CUNHA, Xavier da (1899), *Cartas amorosas de Garrett*, Famalicão, Typografia Minerva.
- CUNHA, Xavier da (1909), *Garrett e as cantoras de São Carlos*, Lisboa, Typografia Universal.
- FREUD, Sigmund (1997), *Cinco lições de psicanálise & Contribuições à psicologia do amor*, Rio de Janeiro, Imago.
- FREUD, Sigmund & ZWEIG, Stefan (2001), *Sigmund Freud / Stefan Zweig — Correspondance*, Paris, Rivages / Petite Bibliothèque.
- FERREIRA, José Gomes (1969), “Introdução”, in Garrett, Almeida, *Folhas caídas*, 2 ed., Lisboa, Portugália Editora.
- GARRETT, Almeida [1954], *Cartas de amor à Viscondessa da Luz*. Coord. e anotadas por José Bruno Carreiro, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.
- GARRETT, Almeida (2004), *Cartas de amor à Viscondessa da Luz*. Int., org., fixação do texto e notas de Sérgio Nazar David, Rio de Janeiro, 7 Letras.
- GARRETT, Almeida (1853), *Folhas caídas*, Lisboa, Casa Viúva Bertrand & Filhos.
- GARRETT, Almeida (s./d.), *Folhas caídas*, Lisboa, Europa-América.
- GARRETT, Almeida (1999), *Frei Luís de Sousa*, Introdução de Ofélia Paiva Monteiro. Porto, Civilização.
- GARRETT, Almeida (1963a), *Obras completas de Almeida Garrett*, Porto, Lello & Irmão, 2 vols.
- GARRETT, Almeida (1963b), *Viagens na minha terra*. Introdução e notas de Augusto da Costa Dias, Lisboa, Portugália.
- LAWTON, R. A. (1966), *Almeida Garrett. L'intime contrainte*, Paris, Didier.
- LAWTON, R. A. (1975), “Introduction”, in Garrett, Almeida. *Flores sem fruto / Folhas caídas*, Paris, PUF.
- MALPIQUE, Cruz (1954), *História de um elegante do romantismo*, Porto, Livraria Progredior.

- MATRACA (A) (1847-8), Periódico moral e político. Por uma sociedade de literatos sem refolho.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva (2001), *O essencial sobre Almeida Garrett*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1966) “A poesia confidencial das *Folhas caídas*”, in *Hospital das Letras*, Lisboa, Guimarães Editores.
- NOSSA SENHORA DA LUZ (Visconde e Barão de) [195-], in *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*, Vol. XVIII, Lisboa / Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Ltda.
- PATO, Bulhão (s./d.), *Memórias*, Org. Vítor Wladimiro Ferreira, Lisboa, Perspectivas e Realidades.
- REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE (1841-1859), Jornal dos interesses físicos, morais e literários por uma sociedade estudiosa. Lisboa, Tipografia da Revista Universal Lisbonense.
- ROCHA, Andrée Cabrée (1963), “Garrett epistológrafo”, in *Colóquio* N° 22.
- SARAIVA, António José (1961), “A Expressão Lírica do Amor nas *Folhas caídas*”, in *Para a História da Cultura em Portugal*, vol. II, Lisboa, Europa-América.